

Sorte – Origens, Impacto e Interpretações

1. Definição e Etimologia

O conceito de sorte refere-se geralmente a eventos ou resultados que parecem ocorrer por acaso, especialmente aqueles com consequências inesperadas, positivas ou negativas. Etimologicamente, a palavra inglesa “luck” surgiu por volta dos séculos XV–XVI (c.1500), vinda do neerlandês médio *luc* (abreviação de *gheluc*, que significa felicidade ou boa fortuna). É provável que tenha sido usada inicialmente no contexto de jogos de azar, referindo-se a uma fortuna (boa ou má) que “acontece” a alguém por acaso. Esta raiz está relacionada com palavras semelhantes nas línguas germânicas (por exemplo, *Glück* em alemão para sorte), e é distinta do inglês antigo, que usava termos como *hap* ou *wyrd* para acaso ou destino. De facto, o nórdico antigo *happ* significava acaso ou boa sorte e sobrevive no inglês em palavras como “perhaps” e “happen”. Curiosamente, a palavra “happy” (feliz) implicava originalmente ser afortunado, refletindo uma ligação antiga entre felicidade e sorte (como em estar “abençoado pela fortuna”).

As definições variam consoante a disciplina. No uso quotidiano e na psicologia, a sorte é frequentemente definida como eventos fora do nosso controlo que são afortunados ou desafortunados. Por exemplo, uma definição é: “algo que nos beneficia ou prejudica apenas por acaso – e não por ação nossa”. Na filosofia, a sorte é por vezes descrita como um acontecimento que escapa à previsibilidade ou controlo eficaz. Por outro lado, definições religiosas ou espirituais podem tratar a “sorte” como providência ou destino; muitas línguas historicamente não distinguem claramente entre sorte, destino ou bênçãos. Em culturas antigas, a sorte chegou a ser personificada – por exemplo, a deusa grega Tyche e a romana Fortuna representavam a fortuna e o acaso. Fortuna era explicitamente chamada a personificação da sorte na religião romana, ilustrando como aquilo a que chamamos “sorte” era frequentemente atribuído ao favor ou capricho dos deuses. Apesar da evolução do termo ao longo do tempo e das culturas, de modo geral continua a denotar o resultado de eventos aleatórios, especialmente quando estes afetam significativamente a vida humana.

2. Perspetivas Filosóficas

Os filósofos têm debatido há muito a natureza e até a realidade da sorte. Na filosofia clássica, Aristóteles reconhecia que fatores fora do nosso controlo (que ele chamava *tyche*, muitas vezes traduzido como sorte ou acaso) influenciam a vida humana. Observava que mesmo uma pessoa virtuosa podia ser privada da felicidade por um infortúnio, sugerindo que além da virtude, é necessária boa sorte para alcançar uma vida verdadeiramente feliz (*eudaimonia*). Embora a ação virtuosa esteja sob o nosso controlo, os eventos fortuitos (bons ou maus) podem afetar os resultados; por isso, Aristóteles reconhecia um papel da sorte na realização da *eudaimonia*. No entanto, distinguia a virtude moral da sorte, insistindo que a atividade virtuosa “não é algo que nos acontece por acaso”, mesmo que o acaso possa privar as pessoas mais excelentes da felicidade.

Em contraste, Immanuel Kant rejeitava completamente o papel da sorte na moralidade. Para Kant, a sorte não devia ter influência alguma na avaliação moral, pois o juízo moral deve basear-se apenas no que está dentro da vontade livre ou do controlo do agente. Afirmava que uma “boa vontade” é boa em si mesma, “como uma jóia”, mesmo que, por algum “infortúnio”, não produza resultados; os resultados do acaso não acrescentam nem retiram valor moral. Esta

posição levou ao moderno problema da “sorte moral”: filósofos como Thomas Nagel e Bernard Williams destacaram o paradoxo de que, na prática, julgamos as pessoas com base nos resultados (por exemplo, num dano acidental), mesmo que a ética kantiana diga que não devíamos fazê-lo se esses resultados foram fruto do acaso.

As perspectivas existencialistas e deterministas acrescentam nuances. Pensadores existencialistas (como Camus ou Sartre) enfatizam o papel do acaso num universo absurdo ou indiferente – aquilo a que chamamos sorte pode ser apenas os eventos aleatórios que enfrentamos, cabendo a cada um criar significado a partir deles. Os deterministas, por outro lado, podem negar a sorte num sentido fundamental: se todos os eventos são causados (pré-determinados por estados anteriores do mundo), então aquilo que parece “sorte” é apenas ignorância nossa sobre causas complexas. Num universo totalmente determinista, a sorte seria apenas um rótulo para resultados que não conseguimos prever ou controlar, e não uma força independente.

Alguns filósofos do Iluminismo, ao desenvolverem a teoria da probabilidade, chegaram a concluir que “não existe sorte” além da matemática – reduziram-na às leis da probabilidade. Na sua visão, uma vez que se entendam as probabilidades e o acaso, a sorte não é uma qualidade misteriosa mas apenas eventos improváveis que acontecem (e, com tentativas suficientes, até eventos raros acabam por ocorrer). Como disse um académico, um “evento sortudo” pode ser definido como algo significativo que ocorre apesar da sua baixa probabilidade.

Friedrich Nietzsche, por outro lado, teve uma posição mais matizada. Reconheceu que o acaso e a sorte desempenham um papel na grandeza humana e nos resultados da vida. Escreveu que “é preciso sorte e muito do incalculável” para que uma pessoa com potencial para a grandeza encontre as circunstâncias certas e entre em ação no momento oportuno. Assim, reconhecia a contingência: muitos podem ter talento ou qualidades nobres, mas o seu sucesso real depende de um tempo e contexto favoráveis, fora do seu controlo. Nietzsche referia-se até a indivíduos excecionais como um “golpe de sorte” da natureza. Ao mesmo tempo, promovia a atitude de *amor fati* (amor ao destino), implicando que se deve abraçar o que quer que o destino traga e integrá-lo na narrativa da própria vida.

Será a sorte real ou apenas uma ideia conveniente para resultados inexplicáveis? Os filósofos continuam divididos. Alguns contemporâneos defendem que a “sorte” não é um conceito rigoroso ou útil – por exemplo, o filósofo Stephen Hales defende o ceticismo da sorte, argumentando que todas as tentativas de definir sorte falham e que as nossas atribuições de sorte são irremediavelmente tendenciosas e inconsistentes. Sugere que devíamos “eliminar [a sorte] da nossa ontologia”, tal como fizemos com ideias como a feitiçaria medieval. Segundo esta perspectiva cética, quando dizemos que algo aconteceu por sorte, estamos apenas a descrever aleatoriedade estatística ou a expressar uma reação psicológica (surpresa, gratidão, etc.), em vez de identificar uma propriedade real do mundo.

Outros contrapõem que a sorte pode ser coerentemente definida (por exemplo, como eventos fora do controlo que afetam os interesses de alguém) e que é um conceito útil na discussão de ética (ex: sorte moral), risco e justiça. Em resumo, filosoficamente, a sorte situa-se entre a aleatoriedade objetiva e a interpretação subjetiva – levanta questões sobre livre-arbitrio, causalidade e como atribuímos mérito ou culpa.

3. Perspetivas Psicológicas e da Ciência Cognitiva

Do ponto de vista psicológico, a sorte reside frequentemente no olhar de quem observa. A nossa percepção da sorte é fortemente influenciada por enviesamentos cognitivos e pelo estado mental. Um dos principais fatores é a tendência humana de detetar padrões e intenções mesmo em situações aleatórias, o que pode levar a ilusões e superstições. Por exemplo, a ilusão de controlo é um enviesamento bem documentado, em que as pessoas sobrestimam a sua capacidade de influenciar resultados aleatórios. Em jogos puramente de sorte, muitas pessoas agem como se o talento estivesse envolvido – por exemplo, atirando os dados com suavidade para obter números baixos e com força para obter altos, ou usando “meias da sorte”. Este comportamento surge de um enviesamento cognitivo profundo que nos leva a crer que temos controlo sobre eventos aleatórios.

De forma semelhante, o enviesamento de confirmação leva-nos a lembrar e dar mais importância às situações que confirmam a nossa crença em sermos sortudos ou azarados (ex: “Sempre que uso esta camisola, a minha equipa ganha!”), ignorando os momentos em que tal não aconteceu. Psicólogos que estudam a sorte observam que muitos atalhos mentais (heurísticas) distorcem a nossa percepção: a heurística da disponibilidade, por exemplo, faz com que eventos marcantes de sorte ou azar fiquem na memória e pareçam mais comuns do que realmente são. Também as correlações ilusórias podem levar-nos a ligar falsamente dois eventos (“Tive um mau dia porque é sexta-feira 13”).

A forma como uma situação é apresentada também influencia se a vemos como sortuda ou não. Um estudo apresentou a diferentes pessoas o mesmo cenário: uma mulher acertou em 5 dos 6 números da lotaria. Quando o caso foi descrito de forma positiva (“Ela ganhou um prémio considerável!”), as pessoas chamaram-lhe sortuda. Quando foi apresentado negativamente (“Falhou o jackpot por um número!”), chamaram-na azarada – embora o resultado objetivo fosse o mesmo. O otimismo ou pessimismo também desempenha um papel importante: perante uma história ambígua com elementos bons e maus, os otimistas tendem a focar-se no positivo e chamar-lhe boa sorte; os pessimistas focam-se no negativo e consideram-no má sorte.

Estas descobertas demonstram que a “sorte” é frequentemente uma atribuição subjetiva, moldada pela nossa atitude mental e estilo explicativo.

Será que algumas pessoas são realmente mais “sortudas” devido ao seu modo de pensar ou comportar? O psicólogo Richard Wiseman conduziu um estudo de uma década com pessoas que se identificavam como excepcionalmente sortudas ou azaradas. O seu trabalho (resumido no livro *The Luck Factor*) sugere que o que chamamos “sorte” é muitas vezes reflexo de atitudes e comportamentos.

Wiseman descobriu que as pessoas “sortudas” tendem a pensar e agir de forma a atrair mais oportunidades fortuitas. Em termos de personalidade, estas pessoas pontuam mais alto em extroversão e abertura à experiência, e mais baixo em neuroticismo. Socializam mais, encontram mais oportunidades e estão relaxadas o suficiente para reparar em acontecimentos imprevistos. Numa experiência, participantes caminhavam por uma rua onde havia dinheiro plantado no chão: os que se diziam sortudos repararam e apanharam-no; os que se consideravam azarados passaram sem notar.

As pessoas “sortudas” não atraem mágicamente oportunidades – simplesmente estão mais atentas e receptivas ao que o ambiente oferece.

Wiseman identificou quatro princípios que as pessoas sortudas praticam (mesmo que de forma inconsciente):

1. **Maximizam as oportunidades fortuitas** – conhecem muitas pessoas, tentam coisas novas e mantêm redes de contactos amplas.
2. **Confiam na intuição** – ouvem os seus palpites, que podem refletir pistas subconscientes valiosas.
3. **Esperam boa sorte** – mantêm expectativas positivas, o que atua como uma profecia autorrealizável.
4. **Transformam o azar em sorte** – adotam uma atitude resiliente, procurando lições ou oportunidades em situações negativas.

Em essência, estas pessoas criam a sua própria sorte através da forma como enfrentam a imprevisibilidade da vida.

Outro conceito relevante na psicologia é o **locus de controlo** – a perceção de se os eventos estão sob o nosso controlo ou controlados por forças externas. Quem tem um locus externo acredita que os resultados se devem sobretudo ao destino, acaso ou outras pessoas – ou seja, atribuem os sucessos ou fracassos à “sorte”. Já quem tem um locus interno acredita que são as próprias escolhas e esforços que determinam os resultados.

Estudos mostram que estas orientações afetam o desempenho e o bem-estar. Um locus externo (excesso de crença na sorte) pode levar à passividade ou ansiedade, enquanto um locus interno estimula comportamentos proativos. No entanto, a realidade é mais complexa: uma pessoa pode acreditar que o esforço compensa (locus interno), mas também sentir que, pessoalmente, é uma pessoa sortuda. Um estudo de 2025 distinguiu entre acreditar na sorte como uma força universal e acreditar que se é, pessoalmente, sortudo – e descobriu que esta última crença está associada a maior bem-estar e confiança.

A ciência cognitiva também tenta explicar por que razão o conceito de sorte existe. Uma linha de pensamento propõe que reconhecer a sorte é uma forma adaptativa de lidar com a incerteza e o acaso – uma defesa contra a ideia de que a vida é caótica. Atribuindo eventos inesperados à “sorte” ou “destino”, as pessoas criam uma sensação de narrativa ou justiça (“era para acontecer” ou “o universo equilibrou as coisas”). Isto pode ser reconfortante do ponto de vista psicológico. No entanto, levado ao extremo, esse pensamento pode resultar em comportamentos disfuncionais (como o jogo compulsivo alimentado pela crença de que “está para vir uma vitória”).

Um fenómeno relacionado é a **falácia do jogador**: após uma sequência de azar, a pessoa acredita irracionalmente que a sorte tem de mudar – por exemplo, pensar “já perdi cinco vezes seguidas, a próxima tem de ser uma vitória”. Esta crença pode levar a decisões impulsivas e arriscadas, pois a pessoa sente que a sorte “lhe deve uma”.

Em resumo, o nosso cérebro não é naturalmente bom a lidar com o verdadeiro acaso. Procuramos padrões e causas, e nessa busca, o conceito de sorte torna-se útil para resumir o imprevisível. A ciência da sorte cruza-se assim com o estudo da cognição probabilística, dos viesamentos e do poder do pensamento positivo (ou negativo).

4. Investigação Científica

Quando passamos da psicologia para as ciências duras, a questão torna-se: existe algum fundamento científico para a “sorte” como força, ou trata-se apenas de probabilidade e aleatoriedade? Em geral, a ciência trata o que as pessoas chamam sorte como aleatoriedade ou causalidade complexa. Vários domínios científicos ajudam a esclarecer fenómenos atribuídos à sorte:

Teoria das Probabilidades – forneceu um quadro formal para entender o acaso. Do ponto de vista científico, o que chamamos sorte são normalmente eventos de baixa probabilidade. A teoria das probabilidades permite calcular as probabilidades de tais eventos e desmistificá-los. Como referido, matemáticos do século XVII afirmaram que, ao quantificar as probabilidades, tinham essencialmente “refutado” a sorte como força mística.

Lei dos Grandes Números – esta ideia mostra que, em populações grandes ou ao longo de longos períodos, eventos raros tornam-se inevitáveis. Por exemplo, a probabilidade de alguém ser atingido por um raio num ano pode ser de 1 em 1 milhão. Mas, à escala global, ao longo de anos, é quase certo que alguém será atingido várias vezes. A ciência vê a sorte como uma perspetiva sobre a aleatoriedade: do ponto de vista estatístico, todos os resultados têm probabilidades; mas, do ponto de vista humano, um evento altamente improvável sente-se como se o destino o tivesse escolhido.

Teoria do Caos – mesmo em sistemas deterministas (como a física clássica), pode surgir imprevisibilidade devido à sensibilidade às condições iniciais (efeito borboleta). Por exemplo, o tempo atmosférico é determinista, mas tão sensível que se comporta como aleatório na prática. Assim, se alguém disser que teve “azar” por uma tempestade arruinar o casamento ao ar livre, cientificamente pode-se dizer que o evento era determinístico – mas, na prática, foi imprevisível e, portanto, sentido como sorte ou azar.

Física Quântica – ao nível mais fundamental, a física moderna introduz verdadeira aleatoriedade na realidade. A mecânica quântica afirma que certos eventos têm resultados probabilísticos que não são determinados por causas ocultas. Por exemplo, o momento exato em que um átomo radioativo se desintegra é intrinsecamente aleatório. Como alguns dizem filosoficamente, isto é a “sorte da natureza” incorporada. No entanto, se a aleatoriedade quântica afeta significativamente eventos quotidianos é discutível, pois na maioria dos casos os efeitos quânticos anulam-se à escala macroscópica.

A conclusão da ciência é que o que chamamos “sorte” resulta de uma mistura de processos aleatórios e determinísticos complexos. Não há evidência de uma força cósmica de sorte ou karma que favoreça ou prejudique indivíduos. A “sorte” é uma forma humana de descrever a interseção entre probabilidade e significado pessoal – quando um evento aleatório tem grande impacto na vida de alguém.

5. Interpretações Culturais e Religiosas

As crenças sobre a sorte variam amplamente entre culturas e tradições religiosas, influenciando a forma como as pessoas tentam atrair boa fortuna ou afastar o azar. Em geral, a sorte é um conceito presente em quase todas as culturas, mas interpretado através de lentes locais – por vezes como acaso aleatório, noutras como destino, carma ou vontade divina.

Nas culturas ocidentais, especialmente nas crenças populares, a sorte é frequentemente vista como uma força caprichosa que pode ser influenciada por rituais ou símbolos. Existe uma rica tapeçaria de superstições destinadas a atrair boa sorte ou evitar o azar. Por exemplo, encontrar um trevo de quatro folhas é considerado um clássico sinal de boa sorte na Irlanda e em outros países (devido à sua raridade). Ferraduras penduradas à entrada das casas são tidas como captadoras de sorte ou protetoras contra o mal em muitas tradições europeias. A pata de coelho é um famoso amuleto de sorte na cultura americana e europeia. Gestos como bater na madeira depois de dizer algo esperançoso pretendem evitar o azar (originalmente invocando os espíritos da madeira ou evitando “desafiar o destino”).

Muitos objetos, números, plantas e animais são considerados símbolos de sorte em várias culturas. Por exemplo, o número 7 é geralmente considerado de sorte no Ocidente, enquanto o número 8 é extremamente afortunado na cultura chinesa (porque a sua pronúncia se assemelha à palavra para “prosperidade”). Por outro lado, o número 4 é evitado em países como a China e o Japão por soar à palavra “morte” – uma associação negativa. No Japão, o *Maneki-neko* (gato da sorte com a pata levantada) é um amuleto comum que atrai prosperidade e clientes nos negócios. Esta tradição remonta ao século XVII e baseia-se numa lenda de um gato que salvou um homem ao atraí-lo para um templo, afastando-o do perigo.

Em muitas culturas mediterrânicas e do Médio Oriente, teme-se o “mau-olhado” – a ideia de que inveja ou olhares maldosos podem provocar infortúnios. Para se proteger, usam-se amuletos com o símbolo do olho azul (*nazar boncuğu* na Turquia, ou *mati* na Grécia). Acredita-se que, se um desses amuletos se partir, foi por ter absorvido uma maldição destinada ao seu portador. De modo semelhante, em partes da Índia e do Médio Oriente, usa-se um fio preto ou o amuleto da mão (*Hamsá*) para afastar o azar.

As filosofias e religiões orientais têm abordagens distintas sobre a sorte. No hinduísmo e budismo, o universo é muitas vezes visto como governado pelo carma – a lei moral de causa e efeito. A boa ou má fortuna pode ser explicada como resultado das ações passadas (até de vidas anteriores), e não como acaso. No entanto, práticas populares continuam a incluir rituais de sorte: por exemplo, rezar à deusa Lakshmi durante o Diwali é tido como uma forma de atrair prosperidade. No budismo tibetano e asiático, bandeiras e rodas de oração espalham bênçãos e mérito – que podem manifestar-se como boa sorte, embora não sejam dispositivos de “sorte” no sentido ocidental.

A cultura chinesa coloca grande ênfase em presságios e *feng shui* (geomancia). O carácter *fu* (福), que significa sorte ou bênção, é omnipresente durante o Ano Novo Lunar. As pessoas comem alimentos “de sorte” (como peixe para abundância, ou *dumplings* para prosperidade) e realizam rituais para atrair um ano favorável. Escolher datas “auspiciosas” para casamentos ou negócios, com base na astrologia, é prática comum. Contudo, muitas filosofias orientais também promovem a aceitação do destino. O taoísmo, por exemplo, defende alinhar-se com o fluxo natural (*Tao*), o que pode ser interpretado como aceitar serenamente aquilo que o destino ou a sorte trazem.

No xintoísmo japonês, os *kami* (espíritos) da fortuna são venerados, e visitar santuários para obter bênçãos (como os amuletos *omamori* ou os bilhetes de sorte *omikuji*) é uma prática

comum. Isto mostra uma abordagem proativa – procurar a sorte divina – combinada com uma aceitação de que certas coisas estão além do controlo humano.

Nas religiões monoteístas como o cristianismo, islamismo e judaísmo, há uma certa reserva quanto à ideia de sorte “cega”, pois os crentes atribuem os acontecimentos à vontade de Deus. Um cristão devoto pode dizer “sou abençoado” em vez de “tive sorte”, exprimindo gratidão a Deus e não ao acaso. Algumas correntes cristãs desencorajam crenças na sorte ou superstições, vendo-as como sinais de idolatria ou de falta de fé no plano divino. De modo semelhante, o islão enfatiza o *Qadar* (decreto divino), e dizer “Insha’Allah” (se Deus quiser) é reconhecer que o resultado está nas mãos de Deus.

Mesmo assim, no quotidiano, muitas pessoas religiosas ainda usam expressões como “boa sorte” e observam superstições – como os italianos que acreditam no *jettatore* (alguém que lança o mau-olhado), ou os persas que usam talismãs do mau-olhado apesar dos ensinamentos islâmicos.

Curiosamente, algumas línguas associam sorte e felicidade na própria etimologia. O termo grego *eudaimonia* (felicidade) deriva de “ser favorecido por um bom espírito”, e em muitas culturas as palavras para “afortunado” e “feliz” estão relacionadas. Em inglês antigo, “happy” significava originalmente “afortunado” (da raiz *hap*, que quer dizer acaso). Esta ligação linguística mostra como, historicamente, uma vida boa era vista como dependente da boa fortuna.

Culturalmente, também há uma diferença nas atitudes perante o papel da sorte no sucesso. Algumas culturas (frequentemente ocidentais, como a americana) realçam o mérito e o esforço pessoal, minimizando a sorte (“cada um faz a sua sorte”, “Deus ajuda quem se ajuda”). Outras reconhecem mais abertamente que o destino e a sorte têm grande peso – como em muitas tradições chinesas ou em países como a Irlanda e o sul da Europa, onde provérbios e práticas admitem a influência da sorte.

Em Itália, por exemplo, diz-se “La fortuna è cieca” – a sorte é cega, indicando que age ao acaso. Em resumo, a sorte é uma ideia quase universal, mas cada cultura a interpreta à sua maneira. De trevos, moedas e gatos da sorte a orações, mantras e talismãs, os seres humanos sempre tentaram atrair a Senhora Sorte. Ao mesmo tempo, as religiões procuraram integrar a sorte numa teologia de providência ou alertar contra os excessos da superstição.

6. Implicações Sociológicas e Económicas

As crenças sobre a sorte não se limitam à esfera privada; têm efeitos reais na forma como as pessoas tomam decisões, assumem riscos e como a sociedade atribui mérito ou culpa. Uma questão central em contexto social e económico é: até que ponto o nosso sucesso (ou fracasso) se deve à sorte ou ao nosso esforço?

Um exemplo está no comportamento de risco. Alguém que acredita fortemente na sorte pode fazer apostas ousadas ou, pelo contrário, tornar-se fatalista. Um jogador que se sente “em maré de sorte” pode apostar cada vez mais, convencido de que tem um toque mágico – o que pode levar a perdas enormes quando o acaso se reverte. Inversamente, alguém que acredita ser “amaldiçoado” pode evitar oportunidades, adotando uma atitude derrotista que impede o sucesso.

Superstições podem ajudar ou prejudicar. Como vimos, certos rituais (como carregar um amuleto) podem aumentar a confiança e melhorar o desempenho. Mas confiar apenas na sorte e negligenciar a preparação (como não estudar para um exame porque se está a usar a “camisola da sorte”) leva geralmente a maus resultados.

Sociologicamente, as pessoas usam frequentemente a sorte como explicação depois dos factos – o que pode afetar o comportamento futuro. Um empreendedor pode atribuir o fracasso de um negócio ao azar e, por isso, não aprender com os erros. Ou pode atribuir o sucesso apenas ao talento e ignorar os golpes de sorte que o ajudaram – o que leva à arrogância.

Ao nível da sociedade, surge a pergunta: as pessoas atribuem riqueza e estatuto ao mérito individual ou à sorte (condições e oportunidades)? Isto varia consoante a cultura e a política. Nos EUA, existe a forte narrativa da “pessoa feita por si mesma”, onde o sucesso é visto como fruto do trabalho e do talento, minimizando o papel da sorte. Muitos americanos acreditam na ideia do “mundo justo”, segundo a qual as pessoas recebem o que merecem.

Contudo, economistas como Robert Frank (autor de *Success and Luck*) mostram que esta visão é ilusória. Factores como nascer num país estável, ter pais instruídos, ou até o ano em que se nasce (que influencia ciclos económicos) têm enorme impacto – e são puro acaso. Mesmo pessoas bem-sucedidas, quando contam a sua história, frequentemente referem encontros fortuitos, acidentes evitados, ou oportunidades inesperadas.

Em contraste, sociedades europeias tendem a reconhecer melhor o papel da “sorte estrutural” (classe social, privilégios herdados). Em países como o Reino Unido, as pessoas têm maior consciência de como o contexto limita oportunidades. Em Portugal, por exemplo, é comum dizer “Tive sorte” quando se consegue um emprego, reconhecendo que não dependeu apenas do mérito.

Estas crenças têm implicações políticas: se uma sociedade subvaloriza o papel da sorte, tende a rejeitar medidas redistributivas ou redes de segurança social, com base na ideia de que os ricos merecem tudo o que têm. Frank defende que reconhecer o papel da sorte encorajaria maior empatia e políticas mais justas – como impostos progressivos para financiar bens públicos de que todos beneficiam.

7. Implicações Práticas e Comportamento Humano

Acreditar na sorte ajuda ou prejudica na vida prática? Podemos aumentar a nossa sorte através de estratégias específicas?

O psicólogo Richard Wiseman defende que sim. As suas investigações sugerem que se pode “criar sorte” cultivando certos traços e comportamentos:

1. **Maximizar oportunidades fortuitas** – experimentar coisas novas, conhecer pessoas, dizer “sim” a convites. Aumentar a “amostragem” de eventos aumenta a probabilidade de algo positivo acontecer.
2. **Ouvir a intuição** – confiar nos palpites, especialmente quando se tem alguma experiência no assunto. Práticas como meditação ajudam a ouvir sinais internos subtis.
3. **Esperar boa sorte** – manter uma expectativa positiva influencia linguagem corporal, persistência e atrai resultados favoráveis.

4. **Transformar azar em sorte** – interpretar desgraças como lições ou novos caminhos. Praticar a gratidão e pensar “podia ter sido pior” ajuda a manter a resiliência.

Estes comportamentos mostram que a sorte, muitas vezes, é uma questão de atitude. Como dizia Sêneca: “A sorte é o que acontece quando a preparação encontra a oportunidade.”

8. Contra-argumentos e Ceticismo

Nem todos concordam que a “sorte” seja um conceito significativo. Os céticos defendem que sorte é apenas o nome que damos ao acaso depois dos factos, uma espécie de atalho mental sem poder explicativo. Nesta perspetiva, atribuir resultados à sorte é uma muleta cognitiva – pode confortar-nos ou dar uma narrativa aos acontecimentos, mas não causa nada.

Uma forma mais forte desta visão é o chamado “ceticismo da sorte”, defendido por alguns filósofos. Por exemplo, Stephen Hales argumenta que nenhuma definição de sorte consegue distingui-la claramente da competência ou da probabilidade normal, e que o nosso uso da palavra “sorte” é profundamente inconsistente. Segundo ele, a sorte “não é um conceito recuperável”. Propõe que tratemos a sorte como tratamos as antigas crenças em bruxas ou deuses olímpicos – como uma ideia figurativa, e não uma realidade ontológica.

Da perspetiva científica cética, não existe nenhuma força misteriosa que favoreça ou prejudique indivíduos. Tudo o que é atribuído à sorte é ou aleatório (em sentido estatístico), ou o resultado de uma cadeia de causas (mesmo que complexa ou desconhecida). Por exemplo, se alguém sobrevive a uma queda de avião sem paraquedas, chamamos-lhe “sorte incrível”. Um cético diria: não é sorte no sentido místico – é um resultado raro possível devido à física (talvez caindo numa zona macia ou com velocidade reduzida) combinado com a estatística. É improvável, sim, mas possível. A sorte, neste caso, não acrescenta nada ao entendimento – é só um rótulo para o improvável.

Os céticos também alertam que ver padrões no acaso pode ser prejudicial. A crença na sorte pode levar a comportamentos como a falácia do jogador, ou a enviesamentos de confirmação que mantêm superstições inúteis. Em casos extremos, estas crenças podem causar obsessão ou ansiedade – como a *triskaidekaphobia* (medo do número 13), que pode levar uma pessoa a evitar compromissos importantes.

Outro contra-argumento é que a sorte é frequentemente uma narrativa retrospectiva. Dizemos que algo foi sortudo depois de sabermos o resultado. Isso pode levar ao enviesamento retrospectivo: por exemplo, chamar um investimento de “sortudo” ou “azarado” depende do desfecho final, embora o risco fosse igual ao início. Ao focarmo-nos na sorte, ignoramos fatores concretos – como quando comentadores desportivos chamam “golo de sorte” a um remate que ressalta e entra, ignorando o treino ou posicionamento do jogador.

A crença excessiva na sorte também pode limitar a motivação pessoal. Atribuir todos os fracassos ao azar pode impedir a aprendizagem (“não foi culpa minha, foi o destino”), enquanto atribuir todo o sucesso à sorte pode gerar síndrome do impostor e minar a autoestima. Por outro lado, acreditar que se é “azarado no amor”, por exemplo, pode tornar-se numa profecia autorrealizável: a pessoa desiste ou sabota as relações.

A nível social, confiar demasiado na sorte pode alimentar a inação coletiva – como subfinanciar a prevenção de desastres, pensando que são apenas “má sorte”, quando uma abordagem proativa poderia reduzir os danos.

Os cétricos recorrem frequentemente à Lei dos Grandes Números para desmistificar eventos impressionantes. Por exemplo: “Esta mulher ganhou a lotaria quatro vezes!” soa a milagre, mas estatisticamente, com milhões de apostadores ao longo de anos, é quase inevitável que surjam casos extremos. O foco nos vencedores “sortudos” obscurece o facto de que milhões perderam – como seria de esperar.

Em círculos racionalistas, o conselho é: reconhece a aleatoriedade, mas foca-te no que podes controlar. A sorte, como puro acaso, não é algo em que se possa confiar ou prever. O que se pode fazer é gerir o risco (com seguros, planos de contingência, diversificação) e aumentar a exposição a boas oportunidades (através de ações práticas).

Em suma, a visão cétrica elimina qualquer ideia de favoritismo cósmico. Todos estamos sujeitos à probabilidade. “Sorte é apenas um rótulo para o acaso quando este nos beneficia (ou prejudica) significativamente.” Mas confiar demasiado nesse conceito pode levar a pensamento mágico ou desculpabilização. Uma abordagem equilibrada seria: aproveitar os momentos sortudos com gratidão, aprender com os azarados com resiliência, mas manter sempre o foco nas causas reais e nos fatores concretos.

9. Casos de Estudo e Análise Anecdótica

Os conceitos abstratos sobre sorte tornam-se mais fáceis de entender quando se olham para histórias reais frequentemente atribuídas à sorte. Estas histórias geram debate: foi mesmo sorte, ou houve outros fatores?

Um exemplo é Tsutomu Yamaguchi, o japonês que sobreviveu aos dois bombardeamentos atômicos em Hiroshima e Nagasaki em 1945. Ficou ferido, mas viveu até aos 93 anos. Foi extremamente azarado (estar em ambos os locais!), mas também incrivelmente sortudo por ter sobrevivido. A interpretação depende do ponto de vista: os otimistas destacam a sobrevivência, os pessimistas o trauma vivido. Yamaguchi terá afirmado sentir que a sua sobrevivência lhe deu uma missão – contar a sua história ao mundo.

Outro exemplo famoso é Frano Selak, um croata conhecido como “o homem mais sortudo (ou azarado) do mundo”. Terá sobrevivido a múltiplos acidentes – um comboio descarrilado, um acidente de avião (em que alegadamente foi sugado para fora da aeronave e caiu num fardo de palha), acidentes de carro e autocarro, e até foi atropelado por um autocarro. Aos 73 anos, ganhou a lotaria e mais tarde doou o dinheiro. Embora algumas destas histórias não estejam verificadas, tornaram-se lendárias – tocando na nossa obsessão com o destino e o acaso.

As histórias de vencedores múltiplos da lotaria também são fascinantes. Joan Ginther, por exemplo, ganhou grandes prémios várias vezes. Parecendo impossível, sabe-se que era estatística de formação, e poderá ter usado o conhecimento para melhorar as hipóteses (ou simplesmente jogava com frequência). O fenómeno dos “multi-vencedores” pode ser explicado por seleção estatística: entre milhões de jogadores, alguns ganham várias vezes apenas por acaso.

No desporto, momentos decisivos são muitas vezes descritos como “sorte” – como um cesto que bate várias vezes no aro antes de entrar. Mas mesmo ali, a preparação e a técnica criam a oportunidade para esse desfecho. Estudos mostram que fenómenos como o “jogador em série” (hot hand) têm fundamentos estatísticos ténues, embora algumas análises recentes sugiram padrões ligeiros.

Coincidências históricas também alimentam a ideia de sorte. Por exemplo, Robert Todd Lincoln, filho de Abraham Lincoln, esteve presente ou nas proximidades de três assassinatos presidenciais – o do pai, o de Garfield e o de McKinley. Não teve qualquer culpa, mas a coincidência alimenta narrativas de “azar histórico”.

Em todos estes casos, surgem padrões:

- **A perspectiva conta** – o mesmo evento pode ser visto como bom ou mau dependendo do foco.
- **Fatores invisíveis** – muitas vezes há elementos ocultos (preparação, escolhas, comportamento) que influenciam os resultados.
- **Lei dos grandes números** – com milhões de pessoas e eventos, o improvável acaba por acontecer.
- **Narrativas humanas** – adoramos histórias com sentido e moral, e a sorte dá-nos isso.

Uma boa pergunta para analisar estes casos é: “Se isto se repetisse mil vezes, quantas vezes este resultado aconteceria?” Se a resposta for “quase nunca”, então sim, é sorte. Se for “de vez em quando”, então talvez tenha sido apenas um caso raro, mas estatisticamente possível.

10. Perspetiva da Inteligência Artificial (IA)

Na era moderna, o que “pensa” a inteligência artificial sobre a sorte? Pode a IA prever a sorte ou simular o seu papel?

Em termos de simulação e previsão, a IA é excelente a analisar grandes volumes de dados e estimar probabilidades. Pode prever tendências, analisar jogos, mercados ou eventos. Mas quando o evento é verdadeiramente aleatório, a IA não pode fazer mais do que indicar probabilidades. Por exemplo, pode calcular as hipóteses de ganhar a lotaria, mas não dizer quais serão os números vencedores.

Onde a IA se destaca é na **análise do papel da sorte**. Usando simulações, algoritmos ou agentes artificiais, pode-se testar como o acaso afeta o sucesso. Estudos como o *Talent vs Luck* mostraram que, mesmo quando o talento é distribuído, os maiores sucessos surgem frequentemente em pessoas com talento moderado que tiveram mais sorte – validando a ideia de que o sucesso extremo exige repetidos “acertos de oportunidade”.

A IA também é útil nas **simulações de Monte Carlo**, usadas em finanças ou gestão de riscos. Ao introduzir variabilidade aleatória, estas simulações mostram a gama de resultados possíveis – ajudando humanos a prever cenários de sorte ou azar.

Outra aplicação é a **simulação cultural**: há IAs que geram horóscopos, leituras de tarot ou “números da sorte”. Estas aplicações baseiam-se em padrões culturais e linguísticos, não em poderes místicos – mas mostram como a IA entende os conceitos humanos sobre a sorte.

Pode a IA **tornar as pessoas mais sortudas**? Indiretamente, sim – ao melhorar a tomada de decisões. Por exemplo, pode alertar para enviesamentos (como o efeito “mão quente”), otimizar oportunidades (como sugerir conexões úteis), ou ajudar a evitar riscos desnecessários. De certa forma, pode funcionar como um “amplificador de sorte”, ligando pessoas e ideias que resultam em boas consequências.

Mas também se pode argumentar que, à medida que a IA torna mais coisas previsíveis, o espaço da sorte encolhe. Diagnósticos, investimentos, escolhas – tudo pode ser sistematizado. Ainda assim, haverá sempre incerteza. A IA calcula; os humanos sentem. A IA compreende o conceito de sorte, mas não a experimenta – não tem esperança nem medo, apenas processa dados.

Resumo final: A sorte continua a ser uma mistura de probabilidade, percepção e significado. Não é uma força invisível a premiar ou castigar, mas sim a forma como interpretamos o acaso e os seus efeitos. Podemos “aumentar a sorte” através de atitude, comportamento e preparação – e ferramentas como a IA podem ajudar-nos nesse caminho. Mas no final, continua a ser humana a escolha de como lidar com a incerteza – e encontrar sentido nela.